

Guia de **Escrita**

Reflexões e dicas
para começar ou prosseguir

Maristela Silva, Bianca Vieira,
Diana Farias, Gabriel Lima,
Giuliana Loureiro, Jamerson Eduardo Reis,
Raquel Ponce, Samara Nina,
Sindia Siqueira, Wesley Sá

Guia de
Escrita
editoraUEA

SUMÁRIO

- 4** Primeiras palavras
- 6** O que lhe inspira? Uma introdução
- 10** A importância de ler para escrever
- 14** Sobre linguagem
- 18** Sobre estilo
- 23** Como manter o sentido no texto:
a coesão e a coerência
- 28** Algumas considerações sobre revisão de texto
- 35** Método prático de escrita
- 39** Ficha metodológica
- 42** Últimas palavras
- 44** Referências

Primeiras
Palavras

Olá, bem-vindo ao *Guia de escrita da Editora UEA*, a casa editorial da Universidade do Estado do Amazonas. Este projeto é fruto do nosso trabalho de democratização do conhecimento por meio do livro, trabalho esse que ao longo dos anos tem sido feito a partir da inserção de pesquisas das mais variadas áreas produzidas no Amazonas no mercado editorial, e que estão agora disponíveis ao público.

Acreditamos que a escrita tem um papel fundamental na difusão e na discussão de ideias. O livro de hoje é sempre a fonte de livros do amanhã e o conhecimento vai sendo repassado e renovado nesse processo. Considerando essa crença e nossa experiência no trabalho editorial, imaginamos que podemos contribuir também na etapa anterior à própria edição e publicação de livros, buscando assim multiplicar os possíveis livros, ou, melhor, textos que podem, independentemente do tipo textual, ser suportes únicos de propagação de ideias.

É nesse contexto que nossa equipe de produção editorial resolveu construir este guia, que tem a plena consciência de que é mais um guia de escrita na imensidão dos guias de escrita disponíveis em formato impresso ou digital e escritos durante os séculos de popularização do próprio registro escrito. É aqui mesmo que reside o nosso trunfo: com essa consciência podemos ser objetivos quanto a quais informações julgamos importantes – aquelas que podem efetivamente ter impacto em qualquer etapa de seu processo de escrita – para repassar a você. A segunda pessoa do plural não está sendo utilizada à toa: se dizemos que podemos, é justamente porque este guia é fruto de um trabalho feito a várias mãos que com suas próprias vozes abordam os temas que julgamos essenciais de maneiras diferentes, mas com o mesmo objetivo.

Da inspiração ao processo de revisão, você pode contar com as nossas dicas para auxiliá-lo a tirar da gaveta aquele projeto de escrita ou mesmo dar um novo fôlego a sua escrita já em andamento. Conte conosco e aproveite a leitura!

O que lhe inspira? Uma introdução



Quando escrevemos um texto, seja ele criativo ou acadêmico, precisamos inicialmente do elemento essencial ao escritor: inspiração, ou seria transpiração? Podemos dizer que em todo o processo de escrita o antes alavanca o durante, que procura chegar ao depois. Simples assim, precisamos de algo que nos faça abrir o laptop e digitar palavras que façam sentido e cumpram seu objetivo. Neste caso, agora, nosso objetivo é chamar sua atenção, leitor, para o seu próprio processo.

Não importa o que vai escrever, você precisa se conhecer para saber quando, onde, como e por que fazê-lo. Esse é um momento de reflexão. Pare e pense sobre seus próprios processos criativos. O que lhe move? Qual o verdadeiro motivo dessa escrita? Ela representa aquela árdua “tarefa para casa” que algum professor solicitou? O quanto você precisa estudar, se dedicar e refletir criticamente a fim de construí-la? Essa tal escrita que você precisa fazer traduz um salto profissional significativo para você? – já entendeu, né? Seu TCC, sua dissertação ou tese, seus artigos científicos, ou aquele livro que você mantém como uma ideia na gaveta há anos? Antes de qualquer ação, pare e decida sobre o que sua escrita significa e aí é só começar.

É... todos os autores neste guia já estiveram aí, neste ponto em que você se encontra... começar... vou já começar... amanhã eu começo... depois do meu aniversário escrevo minhas primeiras palavras... segunda-feira me parece um bom dia... Acabaram as desculpas?

Bom, este é um guia para lhe ajudar (e nos ajudar também) no processo de escrita. Então vamos lá.

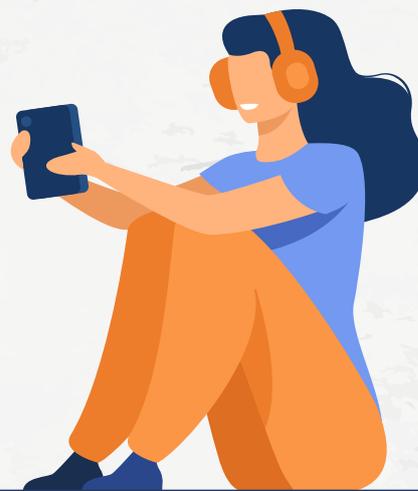
• Quando escrever?

Acreditamos que a resposta é só sua. Pergunte-se quando você tem tempo para escrever: depois da faculdade ou do trabalho? Após as crianças finalmente irem dormir? Durante a novela e o jornal? Por favor, não deixe nenhum escritor soturno e conservador lhe influenciar e dizer que você só pode escrever em momentos de profundo silêncio e concentração. Talvez você não tenha a mesma possibilidade – ou ímpeto – de se isolar do mundo para escrever, como Dickinson – apesar do momento de isolamento social que vivenciamos.

Escolha seu momento e escreva!

• Onde escrever?

Talvez você tenha um canto só seu onde pode se dedicar aos estudos com calma e sem ser incomodado. Que bom! Caso não tenha, escolha aquele lugar em que você consiga silenciar sua irmã que insiste em cantar o último lançamento de algum cantor que ela gosta, ou aquele em que seu irmão ou filho mais novo não vá lutar contra algum ninja imaginário ou, ainda, um em que sua tia não insista em bater papo com sua mãe a seu lado. Bom, pegue aquele fone de ouvido que bloqueia o resto do mundo e leve a tal da inspiração para esse lugar aí que você acabou de pensar. Não ria, é sério. Se você vive numa república ou tem uma família grande, silêncio é objeto raro e extremamente valioso. Escolha seu lugar e escreva!



• Como escrever?

Imagino que agora você já se organizou com seus horários e seu lugar. Então, mãos à obra. Reflita rapidamente sobre quando você era criança e estudava para a prova de história ou matemática, decisiva para a sua carreira acadêmica e para a disposição de seus pais lhe deixarem brincar com os amigos nas férias, ou não. Tempos difíceis aqueles, mas temos um objetivo aqui. Tente se lembrar do que o ajudava a se concentrar ou a lembrar da matéria em questão. O que você fazia? Andava de um lado para o outro, falando como um louco? Escrevia tudo como uma grande cópia do livro com canetas coloridas? Parece tolo, mas aquela criança ainda está em

Você pode lhe ajudar mais do que você imagina. O processo de escrita se inicia na sua mente, então se você precisava andar para se lembrar de coisas, ande (com um caderno ou gravador nas mãos), pense no que você precisa fazer, nos assuntos a abordar, nas teorias que irão embasar seu trabalho – no caso do texto acadêmico – e tudo o mais. Escrever com todas aquelas canetas coloridas parece interessante também se você se inspira nas cores e possibilidades que elas trazem.

Leia. Leia muito. Que droga! Todo autor diz isso? Sim.

Ler vai lhe ajudar na organização da escrita, na abordagem que deseja utilizar e no tom que o texto precisa ter. Este texto que você agora lê, por exemplo, tem um tom alegre, informal e interativo. Para falar de algo tão sério quanto escrita, eu preciso conversar, como converso com meus alunos. É claro que talvez V. S. necessite de um tom deveras formal para que seu aprendizado seja eficaz e durável. Podemos fazê-lo caso necessário. Escreva!

• Por que escrever?

As razões para escrever são inúmeras, mas só você pode ter tal informação. Honestamente, seja porque você decidiu que precisa ser um escritor de sucesso ou porque o semestre está quase terminando, encontre o porquê e vá em frente. Escreva!

“

Com tudo o que já foi dito, parece fácil. Abri um documento chamado TCC versão N.543 e sei que agora vou conseguir. Já tenho o tema e os teóricos, fui ótima em redação no ensino médio, vai ser tranquilo...

”

Se você é como essa pessoa e agora está parecendo fácil, parabéns.

Se não, veja o que trouxemos pra lhe ajudar.

A importância de ler para escrever



O que você costuma ler? Histórias em quadrinhos? Ficção? Crítica Literária? Poemas? Fanfics? Bem, não importa especificamente para nós o que você anda lendo, mas importa para a sua escrita. Anteriormente falamos que ler ajuda na organização do ato de escrever, na sua abordagem, na escolha do tom. Isso não poderia ser mais verdade!

• **Leitura? Presente!**

Veja, a leitura é uma das coisas constantes da nossa vida e fazemos isso de forma quase inconsciente desde o momento que aprendemos que $b + a = ba$ e que é com essa sílaba que eu falo bala. Lemos cartazes, placas, outdoors, cardápios, a revistinha nova da Turma da Mônica, a capa da revista da sala de espera, os anúncios da parada de ônibus. Nós lemos o tempo todo, incessantemente e sem ter que obrigar o nosso cérebro a fazer isso, o trabalho maior é interpretar o que está sendo lido. É aí que entra a figura do leitor.

No decorrer de nossa vida, vamos juntando palavras, frases prontas, até estrofes inteiras. À medida que fazemos isso, entendemos que juro é uma palavra recorrente em propagandas de cartão de crédito e empréstimos, que algum poeta sempre rimará amor e dor, que cabrum é uma onomatopeia para trovão e que “era uma vez uma princesa que matou o dragão sozinha”, hoje faz mais sucesso do que “era uma vez uma princesa que esperou pelo príncipe encantado”.

Então, repetimos a pergunta que iniciou nossa conversa: o que você anda lendo? A resposta refletirá diretamente no que você quer e pode escrever com mais facilidade. Claro que qualquer um pode escrever (assim como qualquer um pode cozinhar), mas ler pode facilitar o processo.

• **A influência do que lemos no que escrevemos**

Se você lê Harry Potter, provavelmente terá facilidade em escrita narrativa, fantasiosa, doce, com um toque de aventura. Verá com frequência a descrição dos espaços, de expressões faciais, lidará com diálogos diretos, bem como com uma divisão mais ou menos igual de capítulos, então é possível que se torne mais fácil criar estratégias próprias para escrever nessa modalidade, visto que estará familiarizado com essa estrutura.

O mesmo ocorre, por exemplo, com a leitura de poemas. À medida que consumimos essa literatura, nos habituamos aos traços comuns e peculiaridades que se encontram nessas construções. Aprendemos a identificar os versos sem rima e chamá-los de brancos, reconhecemos o padrão da estrutura do soneto e conseguimos distingui-lo de uma ode, e, se nos aprofundamos no tema, percebemos e entendemos que as vogais abertas, como E e A, costumam configurar um tom alegre, ao contrário

de O e U. Então, se nós optarmos por compor versos, teremos domínio da estrutura ideal para transmitir os sentimentos almejados. Poderemos optar por um haikai ou mesmo por poemas de formas livres.

No entanto, se você **apenas** lê ficção ou poesia, quando se deparar com o primeiro capítulo da sua dissertação, talvez não encontre as palavras certas para explicar a fundamentação teórica escolhida para teorizar os avanços do estudo de línguas estrangeiras no Brasil, por exemplo, porque, do mesmo modo que está adaptado à narrativa ficcional, precisa conhecer e possuir certo domínio dos gêneros científicos. Ou seja, para escrever artigos, é preciso ler artigos, para escrever poemas, é preciso ler poemas, e assim por diante.

Uma forma de observar as variações dos textos é “perguntando” ao objeto de leitura algumas coisas e, ao respondê-las, será possível perceber mais claramente as propriedades daquilo que se está lendo e as diferenças entre os diversos gêneros. Pensando nisso, trazemos abaixo algumas perguntas para guiar sua leitura e identificação de um texto. Em seguida a cada uma delas, usamos o livro *Coraline*, de Neil Gaiman, para exemplificar as respostas.

- **O quê?**

Coraline, livro de ficção.

- **Quem escreveu?**

Neil Gaiman, autor britânico.

- **Para quem foi escrito?**

Para o público infanto-juvenil.

- **Por quê? Quais os objetivos?**

Manter o leitor intrigado e alimentar o suspense, além de gerar reflexão sobre a temática central (a relação problemática entre a protagonista e sua mãe).

- **Como?**

A cada entrada de capítulo há uma imagem de uma das cenas que acontecerá no seu desenrolar, instigando a curiosidade do leitor. A linguagem é simples, com a marcação narrativa de verbos no passado, na terceira pessoa. A obra apresenta parágrafos curtos, com uso de diálogos diretos (utilizando travessão). Seus capítulos são sucintos, apresentando, no máximo, cinco páginas. Há constante repetição do nome da protagonista e utilização de onomatopeias para representar som de unhas batendo na mesa, ratos andando pela casa e portas rangendo.



“

O que acha de fazer essas mesmas perguntas em sua próxima leitura? Temos certeza de que isso o ajudará a entender melhor todo texto que você encontrar pela frente.

”

Veja, não temos a intenção de dizer a você o que deve ser lido e o que deve ser descartado. Muito pelo contrário, a leitura é uma coisa muito individual e íntima, tanto que alguns leitores têm ciúmes de seus livros e HQ's. Pretendemos, então, apontar que aquilo que é lido, é escrito. Assim, se seu objetivo é escrever textos acadêmicos, sendo eles artigos ou resenhas, ensaios ou dissertações, você precisa antes ler os ditos cujos. A leitura deles vai permitir a familiarização com os diversos elementos que fazem um texto ser, bem... um texto. Seriam esses elementos: a estrutura – a forma como as ideias se dispõem no texto, a divisão por seções ou capítulos; a linguagem – quais termos são adequados ao uso naquele gênero e naquela área; e, é claro, o conteúdo.

Quanto mais nos aprofundamos na leitura, mais nos apropriamos desses elementos e nos tornamos, assim, donos das nossas próprias estratégias de escrita. De modo que, quando escrevemos sobre as leituras do mês para um blog, por exemplo, conseguimos combinar o resumo, a crítica e o humor em uma mesma resenha, e, quando escrevemos a introdução do TCC, abordamos a leitura de forma que o arcabouço teórico fica explícito na linguagem utilizada, demonstrando o domínio no campo de estudos que nos inserimos. Percebe? A leitura empodera.

Esse empoderamento é, portanto, o que permite que você, leitor e escritor, transite entre os gêneros, se aproprie das estruturas, transmita seus sonhos e ideias. Então, o que você tem lido ultimamente?



Sobre linguagem



• Navegar é preciso, a linguagem não é precisa

Certa vez, em uma de suas falas sobre a relação entre linguagem e ensino em um evento acadêmico, a professora Maria Helena de Moura Neves afirmou que falar sobre linguagem é como navegar num barco em processo de construção; o vento sopra a vela que ainda está sendo costurada e por aí vai. Essa ilustração é emblemática no sentido de permitir que visualizemos em alguma medida o processo metalinguístico. Só nos é possível conversar sobre linguagem aqui e agora porque a linguagem permite que isso aconteça via escrita/leitura.



Mas a escrita não é sinônimo de linguagem, no máximo um de seus exercícios mais utilizados. E é por aqui que começamos a costurar a vela. É essencial para a escrita o reconhecimento dessa limitação. O limite aqui tem um sentido positivo, uma vez que o conhecer, nesse caso, permite que sejamos mais objetivos sobre aonde podemos e queremos chegar com a escrita de um texto tirando o melhor do vento (linguagem). Para elaborar um pouco mais a respeito das limitações da escrita, precisamos conversar sobre os tipos de linguagem.

• Limites ou o lugar da escrita na linguagem

Há essencialmente dois tipos de linguagem: a verbal e a não-verbal. A escrita, por utilizar um sistema de comunicação chamado língua, está alinhada ao primeiro tipo, diferente de uma obra de artes plásticas, por exemplo, que geralmente se vale exclusivamente de um sistema de signos visuais. A linguagem verbal pode ainda ser subdividida entre escrita e oralidade; embora ambas possuam um ponto de partida comum – a língua – a escolha por um determinado meio de expressão pode criar, na maioria das vezes, divergências estruturais que resultam em novas maneiras de comunicar a mesma coisa. Um exemplo comum é a quantidade de regionalismos na oralidade do português brasileiro, uma vez que cada

região possui um tipo de “falar” com variações de acentuação, palavras e expressões – aspecto que, apesar de garantir à linguagem verbal oral uma vasta possibilidade comunicacional, pode também resultar num vácuo de comunicação entre diferentes falantes de uma mesma língua.

É aqui que a escrita se estabelece. Seu objetivo aparente é ser uma memória comum, relativamente estável e acessível de uma língua, podendo, em tese, evitar o vácuo de comunicação ou manipulá-lo, dependendo do caso. Essa característica remonta ao mito fundador da escrita apresentado por Platão no *Fedro*, que nos conta como Teuth, o deus egípcio da sabedoria, oferece a escrita ao divino Faraó como um “remédio para memória”.

Considerando os modos com que a linguagem verbal se articula a partir da escrita é um pouco difícil discordar de Teuth. Sobre isso a gente pode, por exemplo, citar um aspecto essencial para a escrita já mencionado neste guia, os tipos textuais. Eles funcionam como pequenos moldes predefinidos de linguagem que ativam a memória textual do leitor. Ao ler um texto narrado, com personagens e desenvolvimento de uma história, conseguimos adiantar estruturas e nos ambientar com facilidade no texto. É jogando com essa relação entre as predefinições da linguagem verbal escrita e da memória textual estabelecida por ela que podemos garantir que o nosso texto atinja o objetivo traçado lá no começo do nosso projeto de escrita, seja ele evitar o vácuo de comunicação ou mesmo insistir nele, como no caso específico de um poema que pode ter como objetivo evitar uma comunicação direta.

Tá, agora que já falamos sobre o espaço que a escrita ocupa na dimensão da linguagem e a importância que a compreensão desse fato tem na utilização da própria, será muito mais fácil escolher o tipo de linguagem mais adequado ao seu texto quando chegar a hora.

• Um último aviso antes de içar as velas

Antes de encerrar esse papo, há uma questão importante nessa história de predefinições; ela deságua no próximo tópico da nossa conversa, mas vamos adiantar um pouco aqui. Como um tipo de linguagem e meio de exercício da língua, a prática da escrita por essência não é homogênea, isso significa dizer que há uma imensa diversidade de combinações entre as predefinições e tipos textuais. Um artigo científico, por exemplo, pode se valer de predefinições de linguagem de um texto narrativo para narrar determinada etapa de uma pesquisa ou um romance pode facilmente se apropriar de predefinições desse tipo dissertativo ou argumentativo para inserir a passagem de um artigo científico fictício importante para o enredo. Enfim, as possibilidades são múltiplas, e se estendem até para a divisão essencial entre linguagem verbal e não-verbal, pois é inegável, por exemplo, a plasticidade do primeiro capítulo de *O Guarani*, de José de Alencar, em que o autor se apropria da força imagética de um quadro

paisagístico; ou, ainda, a assertividade dos bordados do artista plástico Leonilson, como é o caso de *José*, que se valem da univocidade da palavra. Novamente, múltiplas possibilidades, por isso é essencial que saibamos aonde queremos chegar, para onde devemos direcionar nossa vela. Certos desse objetivo, podemos aprofundar ainda mais a nossa conversa sobre *como chegar* falando de *estilo*.



Sobre estilo



Para começar nossa conversa sobre estilo é importante entender que qualquer atividade humana pressupõe um certo nível de autenticidade, isto é, todo mundo tem seu jeitinho de fazer alguma coisa. Um nível maior ou menor de autenticidade pode ter relação direta com a ação consciente de detalhes dessa atividade, ou seja, quanto mais atento você estiver ao modo como você faz algo, mais você pode fazer isso do seu jeito. Essa dimensão do dito jeitinho de cada um é especialmente detectável na escrita como uma espécie de caminho, trilha ou rastro deixado pelo autor para ser descoberto por quem lê. Se esse caminho é rastreável, é justamente porque o estilo está vinculado à memória de um eu textual. Esse eu textual é o que torna facilmente reconhecível um texto de Guimarães Rosa, e a sua inconfundível inventividade no manuseio da língua, valendo-se de lições da também inventiva oralidade regional; ou a poesia de Drummond e sua habilidade de criar uma profundidade poética a partir de estruturas aparentemente simples. Ao ler uma obra desses autores temos aquela sensação de já conhecer, ou, melhor, de reconhecer o manuseio da linguagem de ambos.

Certo, já que entendemos que o estilo é um manuseio autêntico da linguagem por um autor que, ao manifestar-se no texto, surge com uma memória de um eu textual, é importante também que entendamos que sua presença não se restringe ao texto literário. Há sim uma abertura maior para a presença e o reconhecimento do estilo em textos de caráter literário, mas não necessariamente literatura, como é o caso de algumas reportagens, ensaios críticos, crônicas, entre outros tipos de texto. Entretanto, acreditamos que a diferença entre a presença do estilo em textos literários e não literários reside especialmente na vontade e/ou necessidade do reconhecimento desse estilo por parte dos leitores, além, é claro, das especificidades de cada tipo textual – não percamos isso de vista.

• **Estilo ou estilos?**

É possível manusear a linguagem autenticamente com o objetivo de se apagar o próprio rastro de autenticidade. Esse tipo de prática é comum em textos informativos, como os jornalísticos e acadêmicos, que prezam pela impessoalidade, isto é, pela ausência do reconhecimento imediato do tal eu textual de quem falamos. O modo como cada autor busca encobrir os rastros do eu textual também pode ser considerado estilo, considerando que essa atividade certamente pode ser realizada de maneiras diferentes, mais ou menos autênticas. Essa constatação nos faz chegar à outra: a importância do múltiplo para identificação do único.

O estilo só existe a partir de uma relação dialética, quer dizer, só podemos reconhecer a genialidade de estilo presente em um soneto shakespeariano em contrapartida à genialidade do verso livre de Walter Whitman ou qualquer outro autor, por exemplo. Um detalhe: essa relação dialética não se restringe a estruturas textuais opostas, como os citados

versos métricos e livres, ela também ocorre entre estruturas semelhantes e nos permite refletir o que caracteriza e diferencia a genialidade dos versos metrificados de Keats e Yeats, para continuar falando de língua inglesa, ou dos versos livres de T. S. Eliot e Ezra Pound, por exemplo. Enfim, acreditamos que você entendeu aonde a gente quis chegar, não é? Essa diferença não hierarquiza o estilo no quesito qualidade, mas assegura o reconhecimento de sua autenticidade.



Por isso é tão importante que falemos também de *estilos* quando estivermos falando de *estilo*. A partir dessa percepção podemos buscar um espaço entre a infinidade de estilos e tentar cultivar um próprio, o nosso jeitinho de fazer as coisas.

• Do nosso jeito

Como criar um estilo? Ele pode ser cultivado a partir de uma escrita consciente. Se você leu todo esse tópico, certamente ficou indignado com essa resposta aparentemente simplória que poderia ser encontrada em qualquer outra parte da imensa internet com uma pesquisa razoavelmente bem feita, entendemos. Entretanto, nosso objetivo aqui é sermos genuínos e práticos e, nesse sentido, refletir acerca do estilo é talvez o único passo legitimamente prático em direção a construir um próprio. Se ainda assim você continua chateado, elaboramos aqui um passo a passo para lhe ajudar nesse processo de construção consciente da escrita, vulgarmente conhecido como *estilo*.

• **Passo a passo rumo ao estilo próprio**

- **Identifique e leia com atenção autores com estilos distintos do qual você deseja construir.**

Conforme dito antes, o estilo cria uma relação dialética entre tipos de exercícios de escrita. Estabelecer um contraponto parece ser uma ótima ideia para seguir adiante sem correr o risco de recuar nesse processo.

- **Identifique e leia com atenção autores com estilos parecidos com o que você deseja construir.**

O princípio é basicamente o mesmo do ponto anterior. Estabelecer um norte também parece ser uma ótima ideia para seguir adiante quando se sabe mais ou menos aonde se quer chegar. Todavia, é essencial mediar o nível de influência para evitar ser uma cópia genérica. Aqui a atenção na leitura deve ser redobrada.

- **Leia a si mesmo como outro.**

Hã? É isso mesmo. Leia seus próprios textos como se eles fossem de outros autores. Desse modo você consegue identificar mais facilmente a regularidade de alguns vícios de linguagem presentes em sua escrita e polir o seu estilo.

- **Permita-se ser lido por outro.**

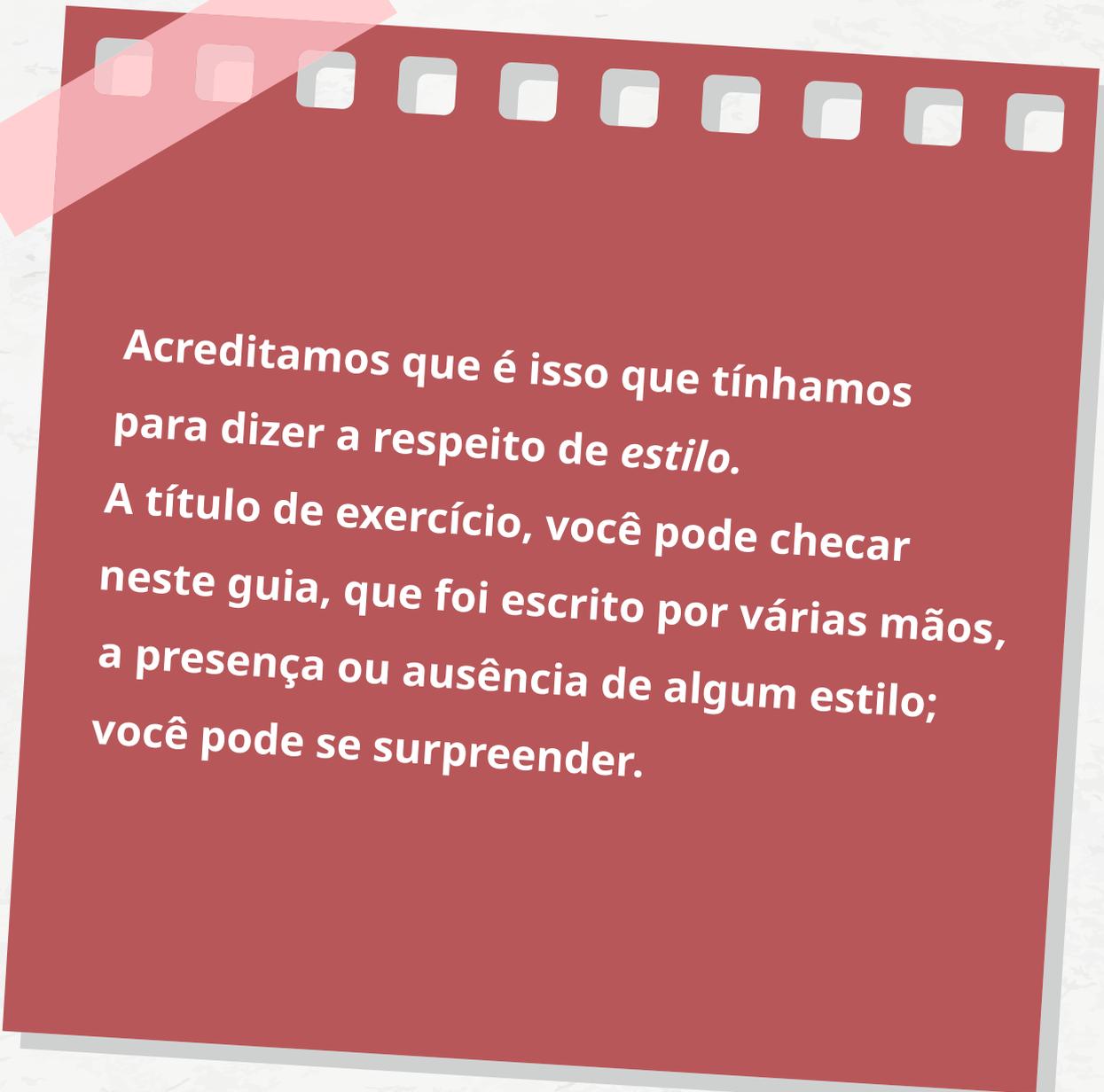
Se você tiver dificuldade em ler a si mesmo como outro, a dica é terceirizar essa tarefa para um leitor de confiança. Não precisamos nem dizer que estar aberto a conhecer suas limitações é crucial para ajustar o que você acha necessário ou mesmo insistir no que julgar válido.

- **Identifique padrões textuais de maneira objetiva.**

É inegável a quantidade de possibilidades combinatórias que a língua oferece, entretanto vale lembrar que elas são finitas. O melhor jeito de identificar esses padrões combinatórios é fazer perguntas objetivas ao seu texto ou de outros autores, como: a) qual a estrutura textual utilizada regularmente para descrever determinado objeto? Você ou o autor costumam utilizar muitos adjetivos ou mesmo nenhum? As descrições costumam ser longas ou concisas? Perguntas desse tipo, como vimos antes, costumam nos oferecer uma visão mais prática sobre o exercício da linguagem escrita e, por conseguinte, da construção do estilo.

- **Escreva, leia, reflita, escreva, leia e...**

Reflita. Já dissemos isso antes e se dissemos antes e vamos repetir de novo é porque certamente é importante: não há fórmulas quando se trata de escrita. Isso se estende à construção de um estilo. Levando esse ponto em consideração, vale a pena atentar para quaisquer sinais de rigidez na escrita e apostar em uma construção orgânica. Textos rígidos do ponto de vista estilístico tendem a ser facilmente datados e pouco inventivos. Por isso busque inicialmente escrever com certa liberdade para em seguida ler com atenção, refletir a respeito do processo e voltar a escrever até se sentir satisfeito.



**Acreditamos que é isso que tínhamos
para dizer a respeito de *estilo*.**

**A título de exercício, você pode checar
neste guia, que foi escrito por várias mãos,
a presença ou ausência de algum estilo;
você pode se surpreender.**

Como manter o sentido no texto: a coesão e a coerência



Ao escrevermos (*insira aqui qualquer gênero textual*) sempre almejamos alcançar um texto bem escrito. Para construir esse edifício imaginário, utilizamos ideias e palavras, certo? As palavras, nesse sentido, seriam como tijolos, e, uma vez organizadas da melhor maneira possível, elas mantêm o prédio em pé.



Mais do que beleza, um prédio precisa ter funcionalidade para que se sustente e possa ser habitável, nesse caso específico, por seus leitores. A ideia comum de que para um texto ideal são necessárias palavras rebuscadas/chiques não se sustenta. Lidando com textos de forma mais recorrente, é possível notar que não é bem assim que a banda toca. Uma estrutura recheada de obséquios, porventuras e quiçás não suportaria o sopro do fictício lobo se não existissem ligações de sentido a amparando. Um texto funcional, bem escrito, é um texto com elementos que nos permitem comunicar com clareza o que queremos dizer. É aí que entram a coesão e a coerência.

• Coesão

A coesão, por estabelecer relações de sentido, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos (KOCH, 2001, p. 17).

Trocando em miúdos o trecho citado, na criação do texto é necessário que estejam presentes elementos – os ditos coesivos – com o propósito de uma comunicação entendível e de fácil assimilação a partir das relações de sentido entre palavras. Valorizar o texto, no momento da escrita, é ter a concepção de como empilhar os tijolos de modo favorável a quem irá visitar o prédio, para que se sintam em casa.

Depois que compreendemos isso, podemos partir com tudo em direção aos elementos coesivos, que são, por exemplo: as conjunções, que podem ligar termos no texto, os advérbios, que podem situar onde, quando e como estão os verbos, ou até mesmo os pronomes, que, quando bem utilizados, auxiliam a leitura, retomando, por exemplo, algo que já foi dito. O sentido no texto depende muito de como ele está articulado, por isso a coesão é tão necessária.

(a) Nós não sabemos quem é o culpado, **mas** ele sabe.

(b) Aquela escola não paga os professores há meses.
A instituição está literalmente caindo aos pedaços.

Ao analisar as frases no quadro acima, em especial os elementos destacados, podemos notar como a coesão age dentro das estruturas. Na frase (a) o termo *mas*, conectivo de adversidade, é utilizado para opor uma ideia em relação a outra, “quebrando” a ideia principal, pois apesar de *nós não sabermos quem é o culpado*, existe alguém que sabe (sinalizado pelo pronome ele). Na frase (b), para não repetir o termo *escola*, utiliza-se o substantivo *instituição*, a fim de retomar o nome que já havia sido dito; nesse caso também caberia o uso de um pronome pessoal (ela), ou até mesmo um pronome relativo (a qual), o que nos lembra que a funcionalidade dos pronomes corresponde ao poder de substituir ou retomar substantivos. Com esses dois exemplos já é possível perceber como uma construção de texto fica mais proveitosa utilizando corretamente os elementos coesivos, não é mesmo?

É importante salientar que não conseguiremos mencionar toda a dimensão de uso dos elementos coesivos num guia como este. Você entende, não é? Nosso foco é mesmo mostrar a você como esse elemento é essencial para uma escrita de qualidade. Com esse registro, mantemos intacta a coerência em relação ao objetivo que traçamos lá no início para este guia e fez com que você chegasse até esse ponto da leitura. Por falar em coerência...

• Coerência

A coerência se faz presente no texto desde o sentido que o enunciador busca atingir (já que o enunciador quer que seu texto seja entendido), até a recepção e interpretação que um enunciatário fará dele (VIANA, 2013, p. 20).

Na esteira dessa comparação dentre tijolos e palavras, dissemos que é preciso que ambos possuam ligações de sentido para sustentar o prédio/texto, certo? Então, a coerência é como uma espécie de argamassa que ajuda nesse processo de construção. Ela corresponde à organização lógica das ideias dentro do texto. Assim, para ele, tão importante quanto ter palavras bem encadeadas, é possuir uma sequência lógica de organização dos pensamentos. Portanto, a coesão e a coerência costumam caminhar juntas por um motivo básico: elas se complementam.

E como funciona a coerência no texto? Ela precisa contemplar as ideias da pessoa que escreve. Isso acontece exatamente como a metáfora inicial que continuamos a utilizar neste tópico. Tijolo por tijolo, as ideias são seguidas por uma relação lógica de acontecimentos, tornando períodos coerentes. Como afirmado na citação acima: “A coerência se faz presente no texto desde o sentido que o enunciador busca atingir, (...) até a recepção e interpretação que um enunciatário fará dele”. Durante o processo de relação de sentidos entre a ideia do autor e a recepção do leitor, é necessário que existam elementos de coerência presentes no texto, a fim de que a mensagem seja devidamente passada.

Assim, existem certos cuidados que podem ser tomados para que um texto seja mais coerente, como evitar os lapsos ou deslocamentos repentinos entre informações durante o decorrer dos parágrafos, deter as repetições quando o tipo textual e a finalidade de seu texto pedirem (caso seja necessário realizar alguma retomada de informação, você tem um acervo de conectivos e pontuações para tornar o texto mais claro e objetivo). Além disso, é bom sempre lembrar de interligar os pontos levantados quando uma informação nova for inserida na composição textual, de forma que fique claro o modo como ela se relaciona com o que já foi dito, para que o fio da ideia seja mantido.

Para tentar ilustrar o que estamos dizendo, segue um exemplo simples de como o uso da coesão e da coerência pode nos ajudar:

- **Antes**

Fui à praia me bronzear porque estava nevando e, quando isso acontece, o calor aumenta, o que faz com que sintamos frio.

- **Depois**

Queria ter ido à praia para me bronzear, mas isso não ocorreu porque estava nevando. Quando isso acontece, sentimos muito frio, ao contrário de quando estamos no verão e o calor aumenta.

Na primeira sentença, o sujeito afirma que iria para a praia porque estava nevando, de início isso nos confunde, pois o trecho representa uma sequência ilógica, estampando a ausência de coerência no texto, levando à dificuldade de entender claramente a mensagem. Já na segunda sentença, os tijolos/palavras foram organizados em volta de uma argamassa de sentido que nos permite compreender com clareza a ideia expressa. Os conectivos “mas” e “e”, a locução prepositiva “ao contrário de”, e o uso correto (e conseqüentemente coerente) da pontuação conseguem alinhar as ideias do enunciado, tornando-o assim coerente. Logo, quando a intenção não for a de brincar com as palavras, confundir o leitor, mas expressar com clareza uma ideia, a regra é: *coesão e coesão sem moderação*.

Depois de verificar essa questão na prática, fica mais fácil manter certos cuidados ao escrever um texto. É possível notar como a maneira certa de empregar as palavras e suas relações de sentido dentro de uma oração faz toda a diferença; como já dissemos, e agora retomamos, dessa maneira um prédio bem construído permanece intacto.

No fim, o que esperamos é que, com a ajuda deste guia, sejam levantados edifícios que, caso possuam essa intenção, sejam claros e coerentes, organizados da melhor forma possível, e assim, estando funcionais, poderão ser belos também.

Algumas considerações sobre revisão de texto



Depois de escrevermos o nosso texto seguindo as dicas anteriores, podemos partir agora para a fase de pós-escrita. Imagine o seguinte: quando uma parede é construída, toda a sua estrutura de tijolos fica visível sem o acabamento, certo? Ainda que tenhamos alcançado nosso objetivo, podemos ainda melhorar a tal parede com uma cuidadosa finalização e pintura. Essa dinâmica também se aplica à própria escrita e é pensando nisso que tentaremos ajudar você a entender a importância da revisão de texto, ao mesmo tempo em que indicaremos boas práticas a respeito dessa atividade no decorrer deste tópico.

• Por que pós-texto?

Para iniciar a nossa conversa sobre revisão, é importante que tenhamos em mente que revisão ou edição de texto, em alguns casos, não se resume ao simples processo de eliminação de erros gramaticais, as famigeradas gralhas de um texto. O que consideramos revisão é o uso das melhores estratégias e meios possíveis no sentido de ajudar a diminuir os conflitos entre a mensagem que o autor do texto quer transmitir e aquela que é recebida pelo leitor. Entre esses extremos pode existir uma grande variedade de problemas, entre eles os gramaticais. É justamente por isso que localizamos essa etapa no pós-texto, já que é essencial não perder de vista os efeitos que o texto causará após ser lido.

“Dica!
Se você estiver tendo problemas com a revisão do seu texto, é bom deixá-lo de “molho” por alguns dias. O objetivo é não deixar passarem despercebidos alguns problemas que você já não consegue identificar após o excessivo contato com ele e, além disso, permitir que novas inspirações/ideias possam surgir nesse meio tempo.

”

• Mantendo o foco

Como dito, é essencial que tenhamos sempre em mente a intencionalidade do texto. Na prática, isso funciona mais ou menos assim: consideremos que a intenção de um texto acadêmico é, geralmente, informar e/ou discutir determinado tema, dessa maneira, quando buscarmos realizar a revisão desse texto, nosso foco deverá estar em identificar quais problemas evitam que essa intenção se concretize; o que no caso de um texto acadêmico pode ser a falta de clareza ou mesmo a prolixidade na explicação de conceitos, por exemplo. Esse processo de identificação pode se valer ainda do nosso conhecimento a respeito dos tipos textuais.

Como já mencionado em nosso guia, os tipos textuais possuem estruturas relativamente estáveis, e essas estruturas podem ser entendidas no processo de revisão como regrinhas básicas que devem ser seguidas por quem deseja escrever determinado tipo de texto. Essas regras pré-estabelecidas nos ajudam a estabelecer pontos específicos de foco numa leitura de revisão. Para facilitar a construção e a revisão de seu texto, você pode criar uma lista desses elementos necessários e/ou obrigatórios que mais tarde pode se converter em uma lista de checagem. Como exemplo, podemos checar a lista de elementos básicos de um trabalho científico:

• Pré-textuais

- Título
- Resumo e Palavras-chave

• Corpo do texto

- Subtítulos
- Citações
- Notas
- Numeração e descrição de imagens, quadros e tabelas

• Pós-textuais

- Referências

Com a lista em mãos, é possível checar se cada item, quando presente, está disposto de maneira correta e, ainda, se não há nenhum problema com a construção e a grafia das palavras. Você pode criar uma lista semelhante se quiser escrever um romance, um conto ou um poema.

Outra sugestão interessante é que você sempre registre suas decisões a respeito do texto, uma vez que esse registro também pode facilmente gerar uma lista de revisão a ser checada posteriormente. Para facilitar esse registro, antes de escrever seu texto você pode criar perguntas simples que lhe guiarão durante e após a construção do texto; seguem alguns exemplos:

- **Vou usar notas de fim ou notas de rodapé?**
- **Sempre sinalizarei as falas das personagens com travessão?**
- **Meus versos sempre começarão com minúsculas?**

E assim vai... Mais uma vez será possível ler e checar ponto a ponto o que foi efetivamente seguido por você no decorrer do texto. Dessa forma fica um pouco mais fácil, não?

“

Dica!
Caso esteja escrevendo um texto acadêmico e precise revisá-lo, fique atento às diretrizes do seu curso (ou aquelas solicitadas pelo professor) e às diretrizes da ABNT.

”

• Mantendo o foco com o Word

Para facilitar ainda mais, vamos lhe apresentar e ajudar a utilizar as ferramentas de revisão do software de produção e edição de texto mais usado no mundo (achamos que você conhece), o Word. Essas ferramentas existem para evitar desencontros comuns em um processo de revisão, especialmente se você estiver lidando com o texto alheio.

Vamos lá, para acessá-las você precisa clicar na aba de revisão presente em seu painel de controle do Word.

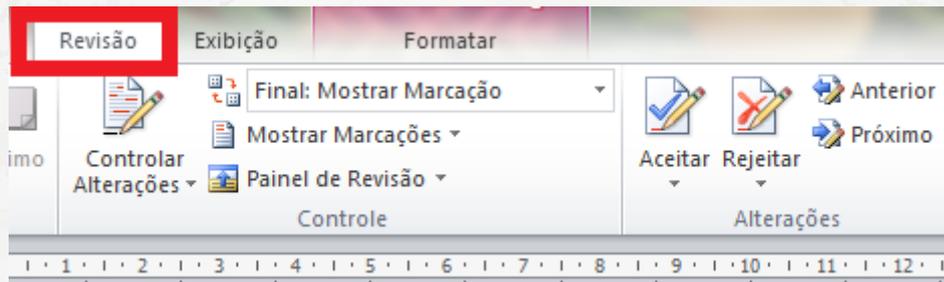


Imagem 1 – Aba de revisão do Word

A primeira delas e talvez a mais importante é a ferramenta de controle de alterações. Ela permite que você visualize as alterações realizadas em seu texto, o que torna mais fácil reverter alguma modificação, se necessário. Para ativá-la, é muito simples, basta clicar no botão **Controlar Alterações**.

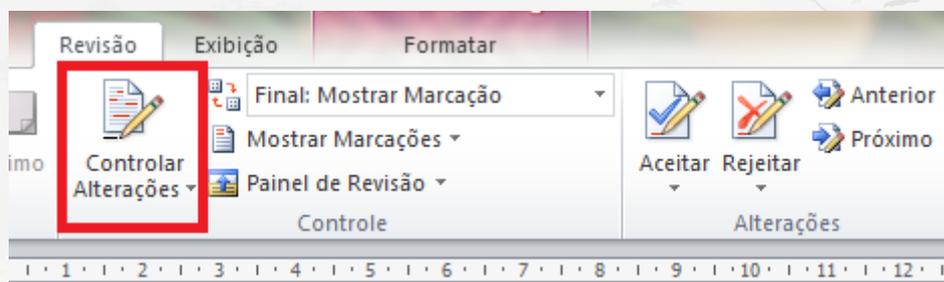


Imagem 2 – Controlar alterações

No mesmo painel você tem acesso às opções de visualizar todas as alterações realizadas no texto através de marcas ou balões, visualizar o texto alterado sem as marcas ou até revisitar o texto antes das alterações para comparar.

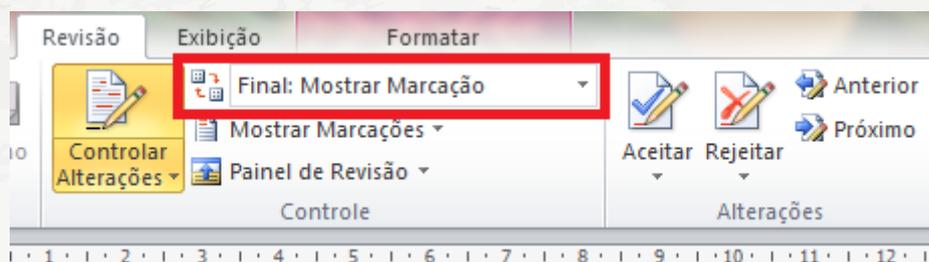


Imagem 3 - Aba de seleção da visualização das marcações

Agora que você pode enxergar com facilidade quais alterações foram realizadas, é ainda mais simples verificar se quer ou não mantê-las utilizando os botões de Aceitar ou Recusar alteração. Basta navegar no documento de alteração em alteração aceitando ou recusando por meio dos botões.

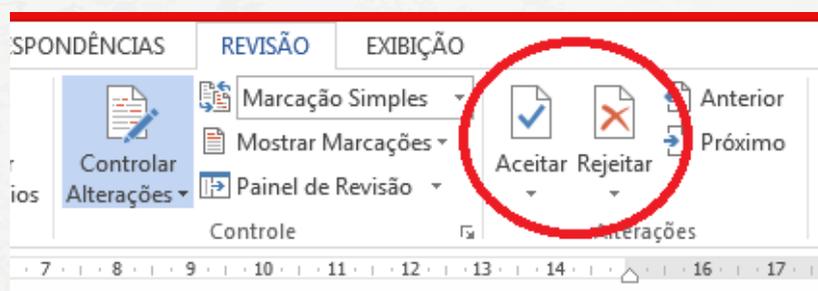


Imagem 4 - Aba de aceite e negação de correções

Outra ferramenta que pode lhe auxiliar bastante é a de Comentários. É bem simples: a ferramenta permite que você adicione, exclua e navegue por comentários do texto. Para adicionar um comentário, basta selecionar o trecho do texto que quer destacar e clicar em “Novo Comentário”.

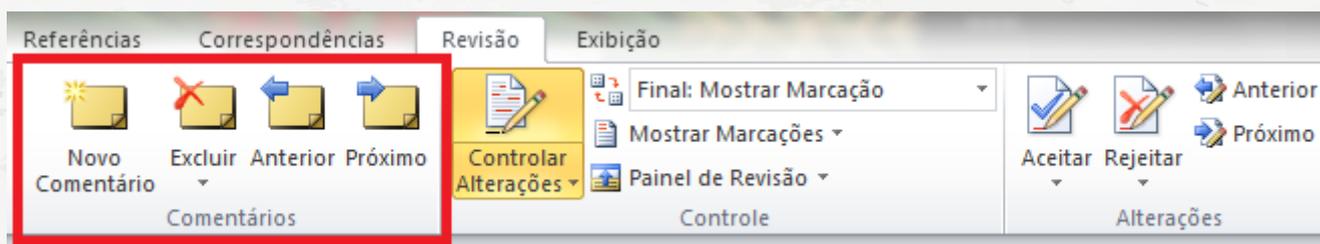


Imagem 5 - Aba de Comentários

• Sua vez

Esperamos que todas as dicas mencionadas possam ajudar você a revisar seu texto com maior facilidade. Lembre-se: o objetivo final de toda revisão é garantir que a tensão entre o objetivo do autor e sua percepção pelo leitor seja a menor possível, ainda que como objeto de linguagem o próprio texto esteja aberto a múltiplas interpretações.

Por fim, é sua vez! Chegou a hora de realizar **aquele** acabamento e garantir que todos tenham acesso ao melhor texto possível!

Dica!

“ Está com dúvidas na hora de formatar seu trabalho conforme as normas de ABNT?

As regras para apresentação do trabalho acadêmico, citação e referências podem ser encontradas integralmente na web; pesquise por:

NBR (Apresentação e estrutura do trabalho acadêmico)

NBR (Citações)

NBR (Referências)

”

Método práctico de escrita



Chegou a hora de pôr a mão na massa, ou melhor, a mão na caneta, no lápis ou no teclado. Para tentar facilitar esse processo, nós buscamos sintetizar as etapas discutidas ao longo do guia em um método prático que vai ajudá-lo a planejar a elaboração de seu texto.

Método prático de escrita

1. Definições prévias

Sobre o que você quer escrever? Para qual público esse texto se destina? Qual o domínio que o público-alvo tem sobre o assunto que será desenvolvido? Em qual gênero ele se encaixa (artigo científico, conto, resenha etc.)?



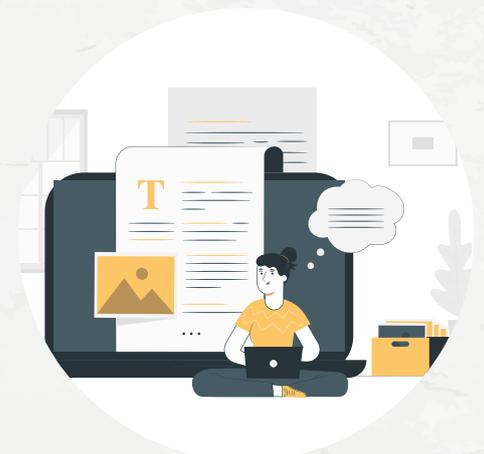
2. A grande questão

Qual é a principal questão que norteia o texto? Quais os tópicos que você precisará incluir no texto para abordá-la de maneira satisfatória?



3. Coleta de fontes e informações

Pesquise mais sobre o tema escolhido, leia textos de autores influentes sobre o assunto, destaque informações importantes, preste atenção na estrutura e na escrita utilizadas nos textos consultados.





4. Análise das informações coletadas

Leia o que você pesquisou até agora, faça anotações e veja o que realmente possui relação com o seu objetivo de escrita.

5. Coleta de ideias

Essa é a hora de escrever todas as ideias, sem medo. Escreva tudo o que você acha válido para o texto. Ainda que a escrita seja de um texto acadêmico, escrever é sempre um processo criativo. Durante todo esse processo, é essencial ter sempre em mãos um caderno de anotações – ou uma nota no celular exclusiva para inserir as ideias que aparecerem – já que você nunca sabe quando terá uma ideia nova, pois a inspiração pode surgir em algo que escuta durante o dia, em uma aula ou até mesmo enquanto divaga olhando pela janela do ônibus voltando para casa.



6. Experimentação

Comece a traçar uma estrutura para o seu texto, com as ideias que você acha mais válidas. Faça um esboço, que funcionará como um esqueleto do seu trabalho. Criar um esboço pode ajudar você a classificar as ideias e estabelecer mais claramente os objetivos que precisará cumprir no decorrer do texto.



7. Coleta de ideias

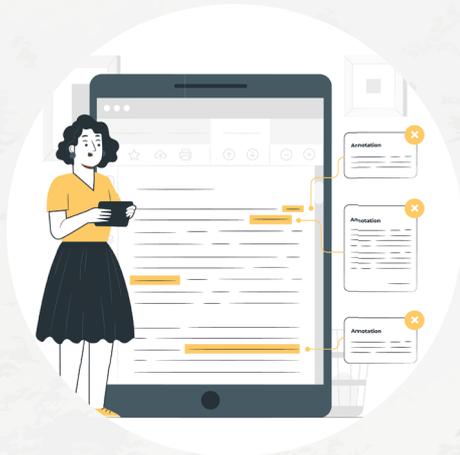
No momento em que você começar a escrever o texto, será necessário definir o nível da linguagem que será utilizada nele, escolhendo o lugar em que ela se encaixará numa escala que vai da totalmente informal à totalmente formal:

7.1. Linguagem informal
linguagem coloquial; menos preocupada com as normas gramaticais.

7.2. Linguagem formal
linguagem que se adequa totalmente à norma-padrão estabelecida para uma determinada língua.



8. Verificação e ajustes



Leia e releia seu texto durante e depois de finalizada a escrita; veja se ele cumpre o que foi planejado, se é capaz de passar de maneira clara a informação (caso esse seja um critério essencial do gênero dele), corrija os possíveis erros e faça alterações se necessário. Assim, tenha sempre em mente que um texto é um veículo mutável, ele pode e provavelmente irá mudar durante todo o processo de criação...

Ficha metodológica



Se mesmo com o método prático você está sentindo dificuldade de começar, preparamos uma ficha com perguntas simples, mas essenciais para começar seu processo de escrita. Dá uma olhada e experimente usá-la quando for planejar sua escrita:

FICHA METODOLÓGICA	
Qual o tema central do meu texto?	Como resolver o problema que abordo no texto?
Em qual gênero o meu texto se encaixa?	Para qual público ele se destina?
Quais tópicos eu preciso tratar no texto?	Quais são as minhas palavras-chave?
Qual é meu objetivo de escrita?	Qual linguagem eu quero/preciso usar?

Agora faça um esqueleto do seu texto! Liste os principais tópicos, as ideias e as citações que você pretende abordar. Fazer isso oferece uma visão geral do texto antes de começar a construí-lo.



Últimas
Palavras

Nossas últimas palavras serão breves, não queremos prender você por mais tempo, já que, se chegou até aqui, tem muito trabalho a fazer, muito a escrever. Se este guia pôde de alguma forma auxiliar você a dar um passo adiante nesse processo, que geralmente é solitário, já ficamos realizados.

No decorrer destas páginas, acreditamos ter deixado claro que não existe uma fórmula ou jeito certo de escrever, longe disso. Por ser uma atividade que pode ser exercida de inúmeras formas e meios, prova disso são os outros vários guias de escrita, ela gera também inúmeros resultados, bons e ruins. Os próprios resultados também não são estanques e não devem ser tratados como obstáculos permanentes. Se eventualmente você escreveu algo que julga ruim, ainda há possibilidade de ajustar, melhorar e progredir. Foi acreditando nisso que as vozes que permearam este guia investiram no que acreditam ser um dos melhores caminhos para atingir seus objetivos ao escrever: refletir a respeito do próprio ato e adotar algumas estratégias que podem lhe auxiliar no percurso. Nosso objetivo foi menos ensiná-lo a escrever e mais torná-lo ciente das escolhas que precisam ser feitas para que você possa fazê-las da melhor maneira possível para escrever o melhor texto possível.

Nós da Editora UEA agradecemos a leitura e a disposição para “conversar” conosco a respeito dessa atividade tão importante para a propagação de ideias e ideais e desejamos que você tenha uma ótima escrita! Boa sorte e sucesso!

Referências

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2001.

PLATÃO. *Fedro*. 6. ed. Tradução e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães editores, 2000.

VIANA JUNIOR, Luis Carlos. *Coesão e coerência: discursos da linguística e da mídia*. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, Araraquara, 2013.

Sugestões de leitura

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *Escrever ficção: um manual de criação literária*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2020.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

VIEIRA, Francisco Eduardo; FARACO, Carlos Aberto. *Escrever na Universidade 1: fundamentos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

Governo do Estado do Amazonas

Wilson Miranda Lima
Governador

Universidade do Estado do Amazonas

Cleinaldo de Almeida Costa
Reitor

Cleto Cavalcante de Souza Leal
Vice-Reitor

*editora*UEA

Maristela Barbosa Silveira e Silva
Diretora

Maria do Perpetuo Socorro Monteiro de Freitas
Secretária Executiva

Síndia Siqueira
Editora Executiva

Samara Nina
Produtora Editorial

Maristela Barbosa Silveira e Silva (Presidente)

Allison Marcos Leão da Silva

Almir Cunha da Graça Neto

Erivaldo Cavalcanti e Silva Filho

Jair Max Fortunato Maia

Jucimar Maia da Silva Júnior

Manoel Luiz Neto

Mário Marques Trilha Neto

Silvia Regina Sampaio Freitas

Conselho Editorial

Editora afiliada:



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

*editora*UEA

Av. Djalma Batista, 3578 – Flores | Manaus – AM – Brasil
CEP 69050-010 | +55 92 38784463
editora.uea.edu.br | editora@uea.edu.br

Síndia Siqueira
Coordenação Editorial

Síndia Siqueira
Wesley Sá
Revisão

Raquel Ponce
Samara Nina
Projeto Gráfico

Samara Nina
Diagramação e Finalização

Todos os direitos reservados © Universidade do Estado do Amazonas
Permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte

Esta edição foi revisada conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade do Estado do Amazonas

G943
2021

Guia de escrita: reflexões e dicas para começar ou prosseguir/
Maristela Silva [et al.]. – Manaus: Editora UEA, 2021.

45 p.: il.; color; 21 cm.

ISBN 978-65-87214-98-6

Inclui referências bibliográficas

1. Escrita. 2. Produção textual. I. Silva, Maristela.

CDU 1997 – G 003



para conhecer mais da *editoraUEA* e de nossas publicações,
acesse nosso site e nos siga nas redes sociais

editora.uea.edu.br

ueaeditora





editora
UEA

